

# Estudo analisa areia de creches, praças e praias no Rio de Janeiro

Publicada em 02/09/2015

\*Regina Castro



Um estudo coordenado pela pesquisadora Adriana Sotero Martins, da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp/Fiocruz), em parceria com a Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj), revelou que creches, praças e praias frequentadas por crianças na cidade apresentam índices de coliformes muito acima do limite recomendado. Segundo o levantamento, que pesquisou a presença de coliformes, parasitas e fungos, apenas em dois dos 15 locais analisados não apresentam risco para a saúde.

O estudo, que contou ainda com a participação dos pesquisadores Antonio Duarte, da Ensp, e Maria Inez Sarquis, do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz), foi realizado a pedido da Comissão pelo Cumprimento das Leis da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, a "Comissão do Cumpra-se!". O resultado foi apresentado em ato público pelo presidente da Comissão do Cumpra-se!, deputado Carlos Minc (PT), em 28 de agosto, na Praça do Leme, Zona Sul do Rio, um dos pontos de amostragem.

O ato marcou também o envio de um projeto lei de Minc (que contou com a colaboração técnica dos pesquisadores da Fiocruz) para monitoração da quantidade desses espaços públicos e privados de recreação. Caso seja aprovado, o projeto, que se encontra em tramitação na Alerj, será um instrumento que garantirá a limpeza, conservação e combate aos agentes transmissores de doenças nas áreas de areia de contato primário: estão previstos padrões e sanções legais, visando garantir a proteção da saúde dos usuários de parques, praças públicas, praias, creches no estado do Rio de Janeiro.

O local mais contaminado, de acordo com a análise, foi na creche em um espaço de Horto, na Praia Vermelha, onde a areia teria 2.500 UFC/g de coliformes: na praça próxima a creche, o índice estava em 2.000 UFC/g. O Bosque da Freguesia, na Zona Oeste, também apresentou altos níveis de coliforme, fungos e parasitas, assim como a Praça Saens Peña e uma creche no Morro do Borel, na Zona Norte.

Veja tabela com os resultados:

Local da coleta		Coliforme (até 138 UFC/g)	Escherichia Coli (até 17,54 UFC/g)	Fungos (até 100 UFC/g)
Bosque da Freguesia	Areia para uso	300	45	480
	Área do gol	300	10	500
	Parquinho	300	55	2.000
Praça Saens Peña	Áreas brinquedo com sol	1.500	75	900
	Área arborizada sem sol	1.500	50	1.100
Creche no Borel	Solo arenoso	450	80	1.200
	Solo barrento	450	60	1.300
Praça do Leme	Local com sol	2.000	40	600
	Local com sombra	2.200	55	1.200
Praia Vermelha	Creche do horto	2.500	250	1.300
	Praça com brinquedo	2.000	200	300
	Praia com areia seca	30	5	70
	Labirinto	2.000	90	1.300

De acordo com Adriana Sotero, os frequentadores desses locais podem contrair doenças como: ancilostomíase (popularmente conhecida como "bicho geográfico" ou larva migrans cutânea), verme que no solo evolui para fase larval que penetra nas camadas superficiais da pele, percorrendo o tecido subcutâneo; toxoplasmose (devido à ingestão de ovos do protozoário, que pode ser eliminado nas fezes de gatos contaminados); candidíase (devido a um fungo, que pode provocar micoses); ascaridíase (devido a um parasita intestinal, comumente conhecido como lombrigas); criptococose (devido a um fungo que pode ser eliminado das fezes de pombos, leva lesão cutânea e pulmonar); e gastroneurites (devido a bactérias patogênicas, presente nas fezes de animais e humanos), dentre outras doenças relacionadas e transmitidas por meio do contato com excrementos de cães, gatos e, sobretudo, pombos. Os sintomas de algumas dessas doenças relacionadas podem ser dor abdominal, micose, sapinho e diarreia aguda.

"Os níveis contaminantes encontrados nos locais investigados foram assustadores. Mais de 90% das amostras coletadas foram positivas. Existe a Lei Orgânica do município do Rio que trata sobre isso, mas não existe uma lei específica para creches e praças. O projeto normatizaria os padrões, principalmente de qualidade, que poderiam colocar em risco a saúde da população, sobretudo de crianças, que é o grupo mais exposto a contrair essas doenças, no caso do contato com a pele ou pela ingestão", afirmou Adriana Sotero.



\*Agência Fiocruz de Notícias